




C A P Í T U L O 5

Ligas Acadêmicas: um relato de experiência do protagonismo de universitários

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8022525095>

Luana de Mendonça Fernandes

Professora Adjunta I do Curso de Psicologia da Universidade de Vassouras. <http://orcid.org/0000-0002-7325-7881>

Larissa Pereira Mendes

Psicóloga formada pela Universidade de Vassouras (2023) e Membro do CLINP Núcleo de Pesquisa em Clínica Psicanalítica (UFRJ). <https://orcid.org/0009-0003-9032-0533>

Karine da Silva Machado Gaudêncio

Discente no curso de psicologia da Universidade de Vassouras <https://orcid.org/0009-0002-7937-0583>

Gabriel Levantino

Discente no curso de psicologia da Universidade de Vassouras <https://orcid.org/0009-0001-9863-7741>

RESUMO : Pensar em protagonismo estudantil vai além de atividades pontuais geradas pelos professores, ele requer que os alunos criem e façam ações advindas de suas vontades e saberes. Sendo assim, as ligas acadêmicas por serem criadas, mantidas e executadas pelos estudantes e coordenadas de maneira pontual por um professor alicerça o ensino, a pesquisa e a extensão dentro da universidade de maneira a criar processos emancipatórios nos estudantes. Com isso, o presente artigo tem como objetivo demonstrar que as ligas acadêmicas podem ser interpretadas como mentorias integrativas interpares e uma metodologia ativa dentro do âmbito universitário. Para avaliar tais suposições a metodologia utilizada foi um relato de experiência e aplicação do instrumento intitulado impacto da Liga de psicanálise na sua formação. A amostra foi escolhida por conveniência, que são alunos (N=16) com média de idade de 27,30 anos (DP=8,13) que participaram até setembro do

ano de 2025 na Liga Acadêmica de Psicanálise Aplicada (LAPSICA) da Universidade de Vassouras (Univassouras). Os resultados identificaram que a liga acadêmica pode ser considerada uma mentoria integrativa interpares e uma metodologia ativa, pois valoriza o protagonismo estudantil sendo uma forma eficaz de melhorar o engajamento dos alunos na universidade.

PALAVRAS CHAVES: Liga Acadêmica; Psicanálise; Mentoria Integrativa Interpares; Metodologias Ativas; Protagonismo Estudantil.

INTRODUÇÃO

O ensino superior tem uma relevância social, política e econômica na estrutura e na perpetuação da história e da pesquisa em cada país (Silva, 2024). Posto isso, a educação precisa oferecer métodos que emancipem e proporcionem transgressões na aprendizagem e assim criem a liberdade e criticidade de seus alunos (Bell Hooks, 2013). Pensar em transgressão é entender que uma educação precisa praticar a liberdade, questionar fronteiras e provocar nos estudantes processos de mudanças contínuas de maneira ativa (Bell Hooks, 2013).

Para tanto, há de se ter meios e espaços acadêmicos que engajem emocionalmente os estudantes, identificando que aprendizagem vai além do conteúdo. Que o processo emancipatório de aprender com práticas que conectem a corporeidade do aluno a realidade social e suas lutas políticas de classe, gênero e raça. Estudantes que entendam seu papel político em sua formação são capazes de observar que é na coletividade que o ato de aprendizagem acontece e que educação inclusiva é um pacto que se faz entre ensino, pesquisa e extensão.

No entanto, não estamos falando de qualquer pacto, a combinação de atividades e metodologias que integrem estudantes, professores, comunidade acadêmica e sociedade promovem uma educação libertadora como sugeria Bell Hooks e Paulo Freire. Por isso, o presente estudo supõe que as ligas acadêmicas podem fazer essa emancipação e trazer o protagonismo estudantil para além dos muros da universidade e expandir currículos pedagógicos que muitas vezes não incluem nem alunos e professores em seus processos construtivos.

O PROTAGONISMO ESTUDANTIL E AS METODOLOGIAS ATIVAS

As inovações tecnológicas advindas no século XXI e principalmente a inserção delas no processo ensino aprendizagem pós pandemia covid-19 trouxeram um marco para o ambiente educacional. Tais mudanças fizeram o papel social do professor e dos de seus alunos mudarem, especialmente na reivindicação de metodologias

que mediam o processo de ensino e o protagonismo estudantil dentro do ambiente acadêmico (Moran, 2015, p. 27).

Moran (2015) relatou que as metodologias ativas são processos que favorecem a reflexão e o engajamento dos alunos na criação integrativa de suas formas de aprender. Para tanto, há de se deixar surgir o protagonismo estudantil de maneira que a motivação, a projeção dos conteúdos didáticos, as competências acadêmicas e socioemocionais estejam presentes no ambiente acadêmico desde o início da vida estudantil.

Nesse artigo iremos utilizar os pressupostos de Costa e Vieira (2006) e Costa (2020) para definir protagonismo estudantil. Os autores definem como uma metodologia no qual os estudantes são atuantes na tomada de decisões e nas práticas de ensinar e aprender. Sendo assim, os alunos podem se desenvolver de maneira epistemologicamente questionadora, crítica e engajados socialmente.

Além disso, se apropriam melhor do espaço acadêmico podendo ampliar sua percepção de apoio social com colegas, professores e gestão (Azeredo & Jung, 2023). Tais apoios proporcionam a busca ativa pelo conhecimento e fomentam a curiosidade por novas tecnologias e assim ampliam o protagonismo estudantil (Azeredo & Jung, 2023).

Os estudantes que criam processos ativos de aprendizagem tendem a ter um engajamento inclusivo não só com o conteúdo didático, mas também com os colegas, possibilitando vínculos e percepção de apoio social (Azevedo & Jung, 2023). As autoras Azevedo e Jung (2023) realizaram um estudo de caso que evidenciou vários benefícios do protagonismo estudantil, sendo algum deles melhora na resolução de problemas, ampliação da criatividade, engajamento acadêmico, ampliação da percepção de apoio de professores, colegas e familiares.

Além da melhora na perspectiva de futuro, diminuição da passividade dentro e fora da sala de aula, os alunos se envolvem na criação de atividades extracurriculares (Azevedo & Jung, 2023; Arruda et al., 2017). Tais indagações nos levam a pensar em duas possibilidades de aprendizagem: a baseada em problemas e a baseada em projetos, ambas auxiliam a consolidação entre teoria e prática (Sefton & Galini, 2023). Entendemos a aprendizagem baseada em problemas (ABP) como uma metodologia que se fundamenta no trabalho em equipe e em discussões guiadas por desafios práticos, com o objetivo de conectar os estudantes a cenários que refletem situações reais, incentivando-os a aplicar o conhecimento, desenvolver competências e adotar uma postura proativa na busca por soluções (Sefton & Galini, 2023).

A ABP possui cinco características: *contextualização real* que consiste na problematização dos conteúdos apresentados nas atividades baseados em situações

do mundo real, o que torna o aprendizado mais significativo e relevante; *aplicação do conhecimento* no qual os alunos são estimulados a associar seus conhecimentos prévios com os novos adquiridos nas situações problemas trazidas nos estudos em grupo; *desenvolvimento de competências* são o desenvolvimento de novas habilidades socioeducativas que advêm do pensamento crítico proporcionado pela resolução de problemas e atitudes proativas que surgem no encontro do estudante veterano com o estudante iniciante do curso; *papel do aluno* ocorre de maneira ativa, fazendo-o ser o protagonista do seu aprendizado na busca e exploração de novas soluções para os problemas; *papel do professor* quando solicitado ele é um mediador que facilita a resolução de problemas quando há um impasse entre os alunos fornecendo orientação e suporte para a aprendizagem (Sefton & Galini, 2023).

Já a aprendizagem baseada em projetos é aquela que sugere aos estudantes a criação de projetos dentro e fora do ambiente acadêmico, com o objetivo de incentivar a resolução de problemas e a aplicação de tudo que foi aprendido nos encontros. Os projetos precisam estar inseridos em um contexto prático e colaborativo, no qual todos se envolvam desde a concepção até a finalização da prática. Tal metodologia ativa faz com que o aluno seja protagonista do próprio processo de aprendizagem, promovendo autorregulação emocional, habilidade de colaboração, pensamento crítico (Sefton & Galini, 2023) e resiliência acadêmica frente a alguma adversidade.

Somado a isso, Sefton e Galini (2023) descreveram mais uma metodologia ativa que é a sala de aula invertida. Cujo o significado é a capacidade de transformar as práticas pedagógicas e promover um aprendizado mais significativo e adaptado aos novos tempos educacionais. A sala de aula invertida possui alguns pressupostos que são *inversão da lógica tradicional* que é a proposta dos estudantes se apropriarem do conteúdo antes da aula no qual os professores irão sugerir materiais que podem ser vídeos, podcasts, artigos científicos que agucem a curiosidade deles antes do encontro presencial ou remoto; *atividades práticas em sala* as aulas são dialógicas, com atividades práticas e inclusivas no intuito de aprofundamento do conteúdo; *professor como um facilitador* e não como um mestre a ser seguido e não questionado, sua experiência docente faz a intermediação entre os alunos e convoca-os a pensar para além do que foi estudado anteriormente; *protagonismo do estudante* o aluno é atuante e propositivo no seu processo de aprendizagem, gerando autonomia e engajamento acadêmico.

Diante desses pressupostos acreditamos que as ligas acadêmicas podem ser consideradas metodologias ativas que promovem o protagonismo estudantil pois elas constroem um espaço de acolhimento entre os veteranos e os calouros. No qual os encontros ocorrem para discutir as metodologias que cada liga se propõe a estudar além disso servem como facilitadores para o engajamento dos alunos com a universidade.

Desta forma, podemos supor que metodologias ativas promovem autonomia e protagonismo dos alunos dentro do ambiente educacional. Por isso, cremos que as ligas acadêmicas podem ser vistas como um projeto que se inclui no protagonismo estudantil e nas metodologias ativas.

A LIGA ACADÊMICA COMO MENTORIA INTEGRATIVA INTERPARES NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO

As ligas acadêmicas surgiram no início do século XX nos cursos da área de saúde com o objetivo de combater doenças que estavam se tornando epidêmicas (surgimento de doenças em várias regiões sem escala global) e endêmicas (surgimento de doenças recorrentes em uma determinada região). No Brasil a primeira liga surgiu na Universidade de São Paulo a Liga de Combate a Sífilis com estudantes, professores e agentes de saúde cooperando para diminuir os casos de sífilis que estavam aumentando em 1920.

Por conta da historicidade do surgimento das Ligas Acadêmicas usaremos a definição criada pela Associação Brasileira de Ligas Acadêmicas Médicas (ABLAM). Que define liga acadêmica *como uma associação civil e científica, de duração indeterminada, sem fins lucrativos, sediada na cidade da instituição de ensino que a abriga e que tem como objetivo complementar a formação em uma área específica*. Entendidas como entidades autônomas que estejam baseadas nos pilares de ensino, pesquisa e extensão.

Soares, Santana e Cunha (2018) realizaram um estudo de revisão de literatura crítica e identificaram os benefícios que uma liga acadêmica pode trazer, como promover a integração entre os alunos e os alunos e professores; ampliar e potencializar competências e habilidades socioemocionais e acadêmicas; suscitar trabalhos dentro e fora da universidade. No entanto, os autores salientam que para as ligas promoverem uma eficiente complementação acadêmica esta deve estar em consonância com as diretrizes curriculares dos cursos. Por isso, a importância de uma integralidade entre ligas acadêmicas, professor coordenador, alunos, gestão e humanização das relações entre ligantes e suas práticas.

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na estrutura das ligas demonstra a necessidade de integrar metodologias ativas e esta é a proposta do presente trabalho e da Liga Acadêmica de Psicanálise Aplicada (LAPSICA) da Universidade de Vassouras. Souza, Santos e Murgo (2020) descrevem que metodologias ativas de ensino e aprendizagem, requerem um genuíno protagonismo dos estudantes descentralizando a figura do docente e colocando o discente como responsável de seu processo formativo e da construção do seu saber.

As metodologias ativas proporcionam a aquisição da aprendizagem técnica e científica como a criação de epistemologias emancipatórias que são as competências do raciocínio crítico, ética no cuidado, comunicação clara e elucidativa, trabalho em equipe com equilíbrio de poder interpares, gestão e resolução de problemas compartilhadas (Souza, Santos & Murgo, 2020). Além disso, devemos ficar atentos que a as ligas não podem suprir as lacunas de uma formação universitária deficitária para que não haja uma especialização precoce, o papel das ligas precisa estar associado a motivação pela busca do conhecimento que atrai o estudante e por meio do contado com os alunos veteranos haja uma troca de experiências e possíveis criações de projetos que envolvam os ligantes (Souza, Noguchi & Alvares, 2019).

Sendo assim, o presente trabalho identifica a liga como uma relação interpares e uma mentoria integrativa. Na revisão de literatura, não sistemática, não encontramos nenhum artigo que associa liga acadêmica a mentoria integrativa interpares, tornando assim tal trabalho relevante para os estudos que abordam as ligas acadêmicas.

Desta forma, precisamos entender o conceito de mentoria que vai além da transmissão dos conteúdos didáticos, ela envolve habilidades socio acadêmicas como: processo educacional que envolve indivíduos e grupos que visam uma aprendizagem recíproca, networking e auxílio após a formação; desenvolver capacidades formal e informal para fomentar e apoiar a socialização interpares; promover senso de justiça social na relação mentor-mentorado com respeito às diferenças culturais e equilíbrio de poder por meio de relações não hierarquizadas; e uma ferramenta de descoberta para investigar elementos socioculturais de contextos proximais e distais dos participantes da mentoria (JoyDavis, Provost & Clark, 2013).

Sendo assim, a mentoria é um processo educativo que visa engajar os indivíduos de maneira recíproca nos processos de aprendizagem. Com isso, é uma estratégia sistêmica e integrativa que tem como objetivo proporcionar o desenvolvimento das habilidades dos indivíduos, de maneira formal e informal, para prestar assistência, apoio e socialização no ambiente acadêmico (Mullen, 2013). Esse processo de aprendizado está baseado em uma perspectiva de justiça social no qual o mentor e mentorado (veterano e calouro) proporcionam transformações positivas em suas trajetórias de vida, respeitando suas diferenças socioculturais e afetando bidirecionalmente (Mullen, 2013).

A participação dos estudantes universitários em atividades de mentoria, como propomos que as Ligas Acadêmicas sejam, possibilita a aquisição e desenvolvimento de competências que complementam a sua formação acadêmica, diminuição de ansiedade no ingresso a universidade e ao uso dos espaços acadêmicos (Mullen, 2013; Vargens, 2021). A relação entre os alunos de períodos avançados e estudantes ingressantes favorecem a ambos, pois a rede de apoio auxilia os acadêmicos a

enfrentarem não só as questões estudantis como situações que afetam sua vida como um todo, como por exemplo, questões de discriminação, desempenho acadêmico, stress, entre outros.

Para demonstrar e consolidar a junção entre os conceitos de metodologias ativas e mentoria integrativa interpares com as ligas iremos fazer um breve relato de experiência da LAPSICA. Relatando sua história, trabalhos, propostas futuras e descrição da experiência de alunos que participam da liga acadêmica em questão.

AS LIGAS NA UNIVERSIDADE DE VASSOURAS E NO CURSO DE PSICOLOGIA

As Ligas acadêmicas na Universidade de Vassouras (Univassouras) sempre estiveram associadas a autonomia dos estudantes pois estavam associadas ao Diretório Central dos Estudantes (DCE). Tendo como proposta a autonomia dos alunos salientando a troca interpares, o auxílio do calouro pelo veterano e vice-versa, mostrando que ser ligante é um ato coletivo. O DCE em suas bases tem como objetivo a gestão coletiva e respeitosa entre os alunos que a coordenam e a comunidade acadêmica como um todo.

Atualmente o curso de psicologia possui 4 ligas acadêmicas, Liga acadêmica de psicanálise aplicada (LAPSICA), Liga de teoria cognitivo-comportamental (LATCC), Liga de psicologia social (LAPSI), Liga de psicologia histórico-cultural (LAPHC). Até 2025.1 as Ligas eram associadas diretamente ao Diretório Central dos Estudantes (DCE) e presentemente as ligas estão associadas aos Centros Acadêmico dos cursos, como o caso da LAPSICA vinculada ao Centro Acadêmico do curso de psicologia (Centro Acadêmico Claudio Peixoto). Essa nova configuração só ressalta que as ligas são mentorias integrativas interpares e metodologias ativas, pois os alunos decidem como melhor gerenciá-las de maneira livre e representativa para cada necessidade dos cursos e de suas formações.

Dentro da Univassouras as ligas são organizadas por um Presidente, responsável pela organização de projetos externos e internos, liderando os estudos e contribuindo diretamente em projetos de pesquisa; Vice-presidente, na ausência do presidente lidera as reuniões de estudo e contribui diretamente nos projetos de pesquisa; Diretor Científico, responsável por projetos de pesquisa pelo viés teórico de cada liga, busca novos estudos pertinentes a teoria e prática que orienta a liga; Secretário, responsável pelas documentações pertinentes e consolidação de dados; Tesoureiro, que organiza as finanças da liga e tenta capitanear recursos com venda de botons, camisas, canecas e afins produzidos pelos próprios alunos. Mesmo havendo papéis definidos nos estatutos das ligas todos estão aptos a auxiliar e se necessário assumir interinamente alguma função quando necessário.

A LAPSICA: história, trabalhos e propostas futuras

A Liga Acadêmica de Psicanálise Aplicada (LAPSICA) nasceu como gesto inaugural, foi a primeira entre as ligas dessa nova onda a surgir no curso de Psicologia da Universidade de Vassouras, marcada por uma pergunta que ecoava entre os estudantes: *por que essa realidade já pulsava em outros cursos e não encontrava corpo em nossa formação?* Sua fundação ocorreu em 2021.2, em um momento de reabertura após o período mais agudo da pandemia de Covid-19. Havia, então, um anseio pelo trabalho e pela retomada do laço social.

A liga nasceu a partir do desejo e da iniciativa das alunas que viriam a compor sua primeira gestão, que sentiram a urgência de criar um espaço de interlocução entre a psicanálise e a universidade. Esse desejo encontrou acolhimento na sensibilidade da professora Roberta Barbosa da Silva, que abraçou o movimento e se tornou a primeira coordenadora da liga. Foi dela, também, o gesto de nomear a liga como Psicanálise Aplicada, inscrevendo esse saber no campo da extensão.

Ainda assim, foram os alunos que sustentaram, ancoraram e movimentaram suas atividades, transformando desejo em prática. Entre os primeiros nomes, estavam: Apollyana Wanya Castilho Fialho (secretária), Clarissa Queiroz Doro Dias (vice-presidente), Isabela de Macedo Nascimento Marins (diretora científica), Larissa Pereira Mendes (presidente) e Thaís Guedes Brum (tesoureira). Posteriormente, com a saída da professora Roberta, a partir da gestão 2023.1, a coordenação passou a ser conduzida pelo professor Pedro Moacyr. Com ele, a liga pôde ampliar suas atividades, compondo uma pesquisa em parceria com a UFRJ, participando de congressos e desenvolvendo o I Simpósio de Psicanálise e Psiquiatria, realizado em parceria com a Liga de Psiquiatria do curso de Medicina, realizando assim um movimento interligas.

Hoje, ao olharmos em retrospectiva, o percurso nos permite nomear com maior clareza o que, à época, se apresentava como um mal-estar difuso. Havia algo que ressoava nos corredores da universidade e que nos inquietava: a psicanálise era frequentemente ouvida como prática elitista, excludente e, para alguns, até mesmo distante do estatuto de ciência. Esse ruído, longe de ser irrelevante, deixou marcas no modo como pensamos e construímos a liga.

Pois se a psicanálise nos era transmitida como experiência singular, enraizada no encontro com o outro, como aceitá-la como não social, sem laço social? Freud nos ensina, desde as origens, que não há sujeito sem laço, que não há constituição sem alteridade. A LAPSICA, nesse sentido, foi também uma resposta e uma recusa em admitir o estudo da psicanálise sem mundo, sem cultura, sem corpos e vozes atravessados pela história. Havia, ainda, a necessidade de tensionar o discurso universitário, que por vezes nos colocava no lugar de meros receptores do conhecimento. Queríamos mais do que escutar; queríamos movimentar, produzir, desejar.

A liga foi, então, também o lugar de falar por outro viés, de sustentar um discurso que contemplasse o sujeito em sua singularidade, sem dissolvê-lo nas estatísticas ou no universalismo acadêmico, colocando em prática o protagonismo estudantil e suas relações interpessoais. A justificativa do projeto é, portanto, essencialmente acadêmica e, ao mesmo tempo, ética e política.

A Liga Acadêmica de Psicanálise Aplicada surgiu da necessidade de estabelecer pontes entre Psicanálise, Psicologia e Universidade, não como três blocos estanques, mas como campos que se atravessam, se entrecruzam e se transformam mutuamente. Desde o começo o objetivo foi criar um espaço de aprofundamento teórico e prático que abrisse a universidade para reflexões possíveis junto e com os estudantes, promovendo debates e encontros que colocassem em jogo as subjetividades e alteridades.

Assim, a liga propôs-se a operar como um laboratório vivo de ideias e práticas, investindo em estudos, pesquisas e projetos de extensão que explorassem as múltiplas possibilidades da psicanálise. Suas atividades, alicerçadas pelo desejo de sustentar a palavra e o laço contribuem para a ampliação do conhecimento acadêmico e para a construção de um olhar crítico e emancipatório dos alunos e da comunidade acadêmica. A LAPSICA, portanto, não foi apenas uma criação administrativa, ela se constituiu como gesto de desejo: desejo de transmitir, de falar, de escutar e de sustentar a psicanálise para além de sala de aula.

Na LAPSICA as seleções são elaboradas por meio de estudos científicos divulgados previamente nas redes sociais das Ligas e da Universidade. Os candidatos têm contato com o material de estudo cinco dias antes da seletiva, participam de uma entrevista em que as questões são respondidas oralmente pelo viés da Psicanálise. No dia seguinte após a seleção, é divulgado o resultado oficialmente nas redes sociais. Mas os ligantes que não passaram podem participar como ouvintes e dando opiniões nas atividades ofertadas fora dos encontros quinzenais da liga.

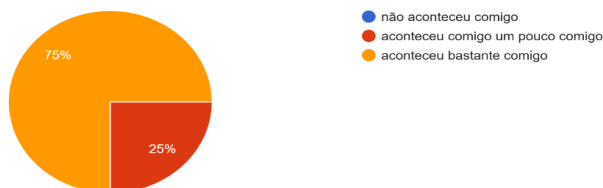
A LAPSICA promove debates sobre temas diversos atravessados pela visão psicanalítica, no intuito de ofertar espaços de troca entre ligantes e aqueles que tem interesse na psicanálise. Nesses cinco anos já foram realizados 10 eventos tanto de maneira presencial em locais dentro e fora da Universidade (como Centro cultural Cazuza na cidade de Vassouras; Auditório Severino Sombra) como de maneira remota pela plataforma google meet e zoom. Todos são avisados com antecedência e sempre pode assistir e palestras pessoas fora da liga para ampliar olhares e discursos, o objetivo é ofertar espaços de troca entre afiliados a liga e aqueles que tem interesse na psicanálise e promover debates sobre temas diversos.

Desde sua criação já passaram 40 estudantes e atualmente a Liga conta com 16 membros incluindo a diretoria. Apesar dos desafios do cotidiano (conciliar as

atividades acadêmicas, vida particular, formação fora da liga, entre outras) a chegada de novos ligantes interessados sempre traz um frescor para quem já se encontra na liga, pois auxilia no desdobramento das teorias propostas pelos antigos alunos para novas direções advindas dos novos estudantes.

Com o objetivo de saber o impacto da liga de psicanálise na formação dos universitários foi criado um questionário de 13 itens baseado em Murta (2008) com as respostas *não aconteceu comigo*, *aconteceu um pouco comigo* e *aconteceu bastante comigo*. Além de três frases para serem respondidas livremente que foram: *o que foi bom na liga de psicanálise*; *o que não foi bom estar na liga de psicanálise* e *sugestões para melhorar a liga de psicanálise*. Todos os ligantes (N=16) foram convidados a responder o questionário e 100% aderiram a proposta (dois alunos e duas alunas do 10º; três alunas do 9º; uma aluna do 8º; uma aluna do 7º; uma aluna do 5º; uma aluna do 3º e um aluno do 3º; duas alunas do 2º e dois alunos do 1º período). Os 13 gráficos abaixo mostram os itens, os respectivos resultados encontrados na aplicação dos questionários e a discussão dos dados.

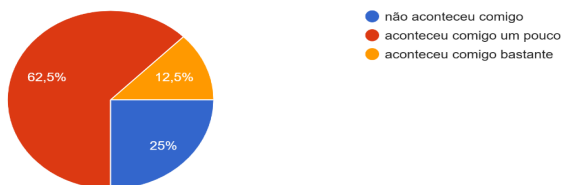
Me senti com vontade de estudar mais quando ingressei na liga
16 respostas



O gráfico 1 demonstra o primeiro item que consta *me senti com vontade de estudar mais quando ingressei na liga*.

Como pode ser evidenciado entrar na LAPSICA favoreceu a ampliação do interesse acadêmico dos estudantes. Indo ao encontro com a literatura que a troca interpares pode facilitar o engajamento de alunos no ambiente universitário (Souza, Noguchi & Alvares, 2019).

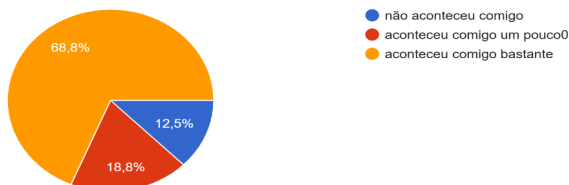
Fiquei insegura(o) quando entrei na liga
16 respostas



No que tange o gráfico 2, consta o segundo item *fiquei insegura(o) quando entrei na liga*.

Os resultados do gráfico 2 demonstram que a maioria se sentiu um pouco inseguro ao ingressar na liga. Tais achados são corroborados com a literatura (Vargens et al. 2021) que identificaram que ingressar na universidade e em qualquer espaço acadêmico gera ansiedade e receio, sendo assim, a mentoria interpares é um facilitador para mitigar tais efeitos.

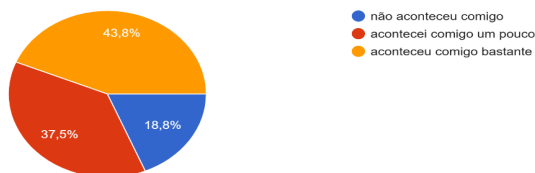
Percebi melhor que a psicanálise tem vários campos de atuação
16 respostas



Já o gráfico 3, relata o item *percebi melhor que a psicanálise tem vários campos de atuação*.

Os dados achados no gráfico 3 demonstram que estar com pares discutindo e ampliando o conhecimento de maneira não hierarquizada possibilita a aquisição novas habilidades acadêmicas (Mullen, 2013).

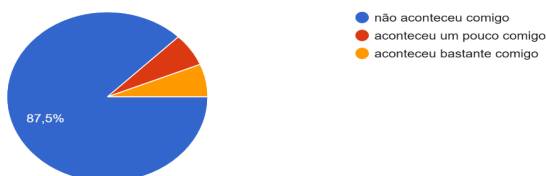
Descobri algo sobre o que fazer para lidar com meus problemas devido a assuntos debatidos nos encontros da liga
16 respostas



A respeito do gráfico 4, o item questiona *descobri algo sobre o que fazer para lidar com meus problemas devido a assuntos debatidos nos encontros da liga*.

Os achados do gráfico 4 identificaram que adquirir conhecimento pode ser um fator de autoconhecimento e gerar processos que auxiliem a resolução de problemas não só acadêmicos como pessoais. Bem como relata Bell Hooks (2017) quando diz que é feita de maneira coletiva ela promove atos de liberdade e processos emancipatórios, ou seja, o aluno aprende a ver o mundo por vários ângulos e assim pode intervir em sua vida e na sociedade de maneira positiva.

Me questionei se participar dos encontros valeram a pena
16 respostas

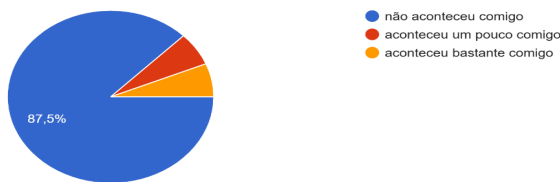


Acerca do gráfico 5, o item considerava *me questionei se participar dos encontros valeram a pena*.

Os dados do gráfico 5 identificaram que 14 dos 16 ligantes reconhecem que os encontros com os colegas de curso de diferentes períodos auxiliam na construção de sua formação. Isto é, ver a liga como uma mentoria integrativa interpares como o presente trabalho sugere vai ao encontro da revisão de literatura, como sugere JoyDavis, Provost e Clark (2013) relataram que grupos acadêmicos com objetivos específicos e valores compartilhados servem de apoio e mantem os interesses individuais dos membros.

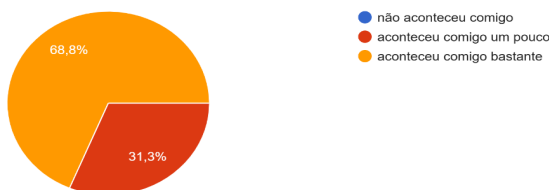
Em relação ao gráfico 6, o item refere-se *não percebi que a liga auxiliou na minha formação*.

Não percebi que a liga auxiliou na minha formação
16 respostas



O gráfico 6 revela que 14 dos 16 alunos identificaram que a liga auxiliou em suas formações acadêmicas. Tais achados, estão em consonância com a revisão de literatura (Azevedo & Jung, 2023) onde o protagonismo estudantil amplia a percepção de aprendizagem, demonstra que a construção ativa do conhecimento estimula a busca do conhecimento e consolida sua rede apoio e resiliência acadêmica frente as adversidades do ambiente universitário.

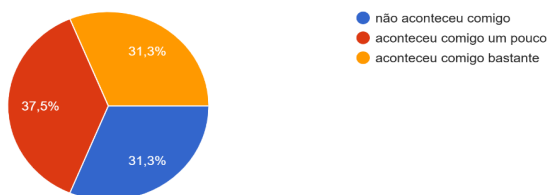
Tive confiança no grupo
16 respostas



Sobre o gráfico 7, o item diz respeito *tive confiança no grupo*.

No que concerne o resultado do gráfico 7, todos os estudantes se sentem de alguma maneira com confiança no grupo. Esta sensação de apoio cria processos de criatividade nos alunos, melhora o engajamento estudantil, fazendo com que o aluno permaneça na universidade mesmo quando ocorre eventos difíceis em suas trajetórias (Azevedo & Jung, 2023). Sendo assim, podemos pensar a liga como uma metodologia ativa, pois está relacionada a uma aprendizagem colaborativa que proporciona integração em equipe, promoção de projetos e assim apoio intergrupal.

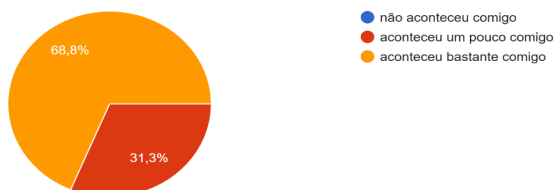
Me senti mais perto dos meus professores
16 respostas



Referindo-se ao gráfico 8, o item avaliou *me senti mais perto dos meus professores*.

Tais achados no gráfico 8 identificaram um resultado equilibrado entre as três respostas, sendo que a maioria diz que sentiram uma melhor aproximação com os professores em algum momento. Isso demonstra que o protagonismo estudantil pode favorecer a aproximação com professores via engajamento acadêmico como sugere Azevedo e Jung (2023) e Vargens et al. (2021).

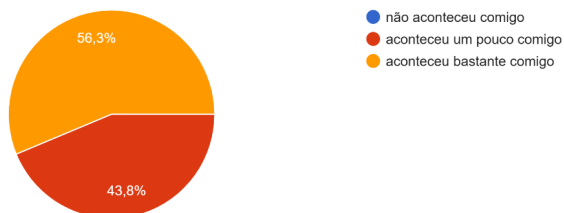
Me senti mais seguro em relação a minha perspectiva de futuro
16 respostas



Os dados analisados no gráfico 9, dizem respeito ao item *me senti mais seguro em relação a minha perspectiva de futuro*.

Os resultados do gráfico 9 indicam que todos os estudantes sentiram que entrar na liga possibilitou a melhora em relação a perspectiva de futuro deles. Ou seja, evidenciamos nesses dados junto aos achados na revisão de literatura (Morán, 2015) que metodologias ativas nas quais valorizam o protagonismo dos universitários e a participação significativa em grupos interpares fazem com que os educandos fortaleçam suas trajetórias acadêmicas e de futuro. Estar em atividades desafiadores promove a emancipação pois estão mais perto da prática, como é o caso da LAPSICA (Morán, 2015).

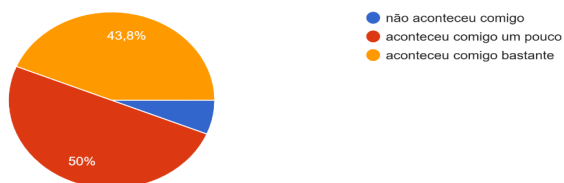
Percebi que fiquei mais atuante na universidade
16 respostas



O gráfico 10, apresenta o item *percebi que fiquei mais atuante na universidade*.

As resultantes do gráfico 10 sinalizaram que estar em atividades interpares pode promover maior interesse e engajamento no ambiente universitário devido ao estímulo do protagonismo estudantil (Azevedo & Jung, 2023; Arruda et al., 2017). Indo ao encontro da literatura (Vargens et al., 2021), pois espaços que ressaltem a fala livre, a equidade de poder, maiores vínculos interpessoais tendem a estimular processos exploratórios no ambiente educacional. E o presente estudo acredita que a liga acadêmica é uma ferramenta que colabora com essa vinculação do aluno com os professores e a instituição de ensino quando todos internalizam em suas subjetividades a reflexão, a emancipação e veem a aprendizagem como algo emancipatório (Hooks, 2017).

Com os assuntos debatidos nos encontros compreendi melhor algumas pessoas com quem eu me relaciono
16 respostas



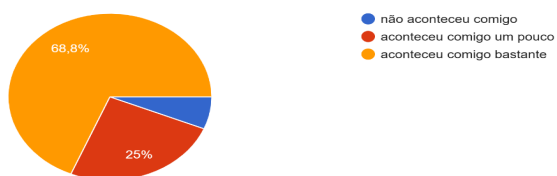
No que concerne o gráfico 11, o item diz *com os assuntos debatidos nos encontros compreendi melhor algumas pessoas com quem eu me relaciono*.

As apurações encontradas no gráfico 11 mostram que a maioria dos estudantes perceberam uma melhor compreensão deles com pessoas que possuem alguma intimidade. Isso pode estar relacionado a expansão das habilidades socioemocionais

que é uma das cinco características da aprendizagem baseada em problemas (ABP) parte do conceito do protagonismo estudantil (Sefton & Galini, 2023).

O presente trabalho compreende habilidades socioemocionais como um conjunto de competências que auxiliam as pessoas organizarem de maneira saudável suas emoções e suas ações, tendo relações interpessoais mais recíprocas e empáticas (Pucci, Da Silva & Antunes-Souza, 2025). E isso é evidenciado no gráfico supracitado quando 50% dos alunos relatam que aconteceu um pouco com eles e 43,8% dizem que aconteceu bastante com eles.

Me senti confiando mais em mim mesmo para atuar na psicologia após ingressar na liga
16 respostas

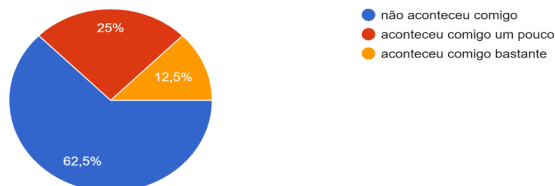


A respeito do gráfico 12, o item diz que *me senti confiando mais em mim mesmo para atuar na psicologia após ingressar na liga*.

Os resultados do gráfico 12 identificou que 12 dos 16 ligantes descreveram que isso ocorreu bastante com eles. Costa (2020) relatou que alunos que se sentem protagonistas de suas formações conseguem adquirir nove mega habilidades que são: confiança, motivação, esforço, responsabilidade, iniciativa, perseverança, altruísmo, critérios para avaliar e decidir e resolução de problemas.

Isto é, deixar o protagonismo estudantil surgir no ambiente universitário traz mudanças sociais na vida desses jovens, nos processos socioeducativos, nos ambientes que frequentam de maneira proximal e distal. Além de poder futuramente gerar participação direta na cultura e política de forma libertária comprometida com a mudança e ética do bem viver em sociedade (Hooks, 2017).

Me sentia tensa(o) nos encontros da liga
16 respostas



Por fim, o gráfico 13 que está relacionado ao item *me sentia tensa(o) nos encontros da liga*.

Os dados do gráfico 13 identificaram que maioria se sentiu bem nos encontros, no entanto, 12,5% relataram algum desconforto nos encontros. A literatura relata que as vezes o excesso de trabalho acadêmico que os universitários possuem não deixa eles aproveitarem de maneira tranquila e mais aprofundada as atividades extracurriculares (Vargens et al., 2021). Sendo assim, pensamos que por isso alguns alunos sentiram-se tensos na liga mesmo querendo estar nela e isso é evidenciado nas falas que estão nas nuvens de palavras abaixo.

No presente estudo, processou-se os dados coletados com os itens respondidos pelos ligantes o software Copilot do Windows. A análise interpretativa do *corpus textual* se deu pelo uso da Análise de Conteúdo (Bardin, 1979), por essa ser quantitativa e qualitativa. A abordagem quantitativa considera a frequência das palavras que se repetem no conteúdo do texto, já na qualitativa investiga-se um conjunto de características em um determinado fragmento do conteúdo (Bardin, 1979).

A nuvem de palavras 1 a seguir mostra as respostas da indagação *o que foi bom na liga de psicanálise*.



A nuvem de palavras 1 identificou que as palavras mais usadas foram psicanálise (n=8; exemplo de fala “Gosto tanto de Psicanálise e as pessoas são incríveis por partilhar o que sabem para condensar meu saber”); liga (n=6; exemplo de fala “Está sendo um processo novo, sou ligante novo e ainda não tive muita oportunidade de me desenvolver dentro da liga, sei que tudo é um processo e estou aguardando minha vez de participar mais ativamente e até mesmo construir um conhecimento para debater na liga, afinal, reconheço que ainda tenho muito o que aprender e desdobrar para um olhar mais minucioso e ao mesmo tempo pontual.”); conhecimento (n=6; exemplo de fala “É um ambiente muito rico em conhecimento e troca, tenho menos vergonha de tirar dúvidas com eles do que com amigos do meu próprio período.”); discussões (n=3; exemplo de fala “Achei muito bom participar da liga de psicanálise porque foi uma oportunidade de ampliar meu conhecimento e ter contato com discussões e reflexões que vão além do que vemos em sala de aula”); e colegas (n=3; exemplo de fala “É bom poder debater a psicanálise de uma forma mais coletiva, trocando com meus colegas, abordando diferentes temas envolvendo a psicanálise, sendo estimulado a ler mais e poder abordar a psicanálise em campos diversos.”) refletindo bem o tema central da pesquisa e o que a liga pode proporcionar no cotidiano dos alunos.

Tais achados vão ao encontro da literatura identificando que metodologias ativas e mentoria integrativa interpares podem ampliar o conhecimento sobre um tema no caso a psicanálise, gerar boas discussões em prol de resolução de problemas e proporcionar bons relacionamentos interpessoais (Souza, Santos & Murgu, 2020; Sefton & Galini, 2023).

Já a nuvem de palavras 2 identifica o que não foi bom estar na liga de psicanálise.



Os principais desafios identificados na nuvem de palavras 2 foram trabalho (n=3; exemplo de fala “Não poder ir aos encontros presenciais, por contra da minha

universidade e promovam conexões com outros saberes e outras metodologias que não sejam só fixadas em formalidades curriculares (Morán, 2015).

Outra análise que podemos fazer e que apareceu em todas as categorias é o protagonismo estudantil como forma de criar laço social e novos saberes. Sefton e Galini (2023) relatam que experiências ativas advindas dos estudantes e da relação não hierarquizada professor aluno gera novos paradigmas e novas epistemologias de vida.

Projetos como as Ligas Acadêmicas são metodologias ativas que precisam ainda ser bem aplicadas seja na aprendizagem voltada a projetos ou aprendizagem voltada a resolução de problemas. Entendendo que o ensino híbrido, colaborativo e que promova a autonomia, o pensamento crítico e a colaboração pode ser uma saída para melhora do engajamento dos estudantes dentro e fora de sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A LAPSICA é uma de muitas ligas que podem gerar conhecimento de ponta e oportunizar por meio de trocas interpares um projeto profissional de futuro, autonomia, pensamento crítico e rede de apoio. Ninguém aprende sozinho ou se reconhece como sujeito sem o outro.

É no encontro que podemos gerar laços sociais que conduzam a uma educação transgressora. E quando falamos transgredir não é a desordem ou o caos, a transgressão do que está posto, mas nem tudo que nos oferece nos alimenta, nutre e engrandece. As vezes precisamos criar rotas de maneira coletiva e comprometida com a mudança porque só assim poderemos ter metodologias que emancipem e com isso tenhamos alunos que criem mais e reproduzam menos.

Esse estudo foi um pequeno ensaio para pensar as ligas acadêmicas para além de seus estatutos e não serem fontes que cubram buracos dos currículos acadêmicos. Sendo assim, futuros estudos podem fazer trabalhos interligas por meio de projetos multidisciplinares fora da universidade e ampliar a rede de apoio com os professores. A proposta aqui foi um ensaio de entender as ligas como metodologias ativas que geram protagonismo estudantil por meio de mentoria integrativa interpares.

REFERÊNCIAS

Associação Brasileira de Ligas Acadêmicas de Medicina. Estatuto e disposições gerais. São Paulo: ABLAM; 2016.

Arruda, J. S. et al. Tecnologias digitais e o processo de protagonismo estudantil no Ensino Fundamental. In: Anais do Workshop de Informática na Escola. 2017. p. 578-587.

Azevedo, I. & Jung, H. S. (2023). O protagonismo no processo de aprendizagem: percepções de estudantes. Rev. Int. de Pesq. em Didática das Ciências e Matemática (RevIn), Itapetininga, v. 4, e023018, p. 1-2.

Costa, A. C. G.; Vieira, M. A. *Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. São Paulo: FTD, 2006.

Costa, A. C. G. (2020). *Protagonismo Juvenil: O que é e como praticá-lo*. Instituto Aliança. Disponível em: http://www.institutoalianca.org.br/Protagonismo_Juvenil.pdf

Hooks, B. (2017). *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora Martins Fontes.

JoyDavis, D., Provost, K & Clark, S. (2013). Peer Mentoring and Inclusion in Writing Groups. In *The SAGE Handbook of Mentoring and Coaching in Education*. Doi: <https://doi.org/10.4135/9781446247549.n30>

Morán, J. (2015). *Mudando a educação com metodologias ativas*. [Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II]. Disponível em: https://moran.eca.usp.br/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf

Mullen, C. A. (2013). Mentoring: an overview. In Mullen, C. A., Fletcher, S. J.; *The SAGE Handbook of Mentoring and Coaching in Education* (7-23). Doi: <https://doi.org/10.4135/9781446247549.n2>

Murta, S. G. (2008). A prática grupoterápica sob o enfoque psicoeducativos: Uma introdução. In: Murta, S. G. *Grupos psicoeducativos: aplicações em múltiplos contextos* (pp. 13-30). Porã Cultural

Pucci, R. H. P., Da Silva, R. F.; Antunes-Souza, T. (2025) competências socioemocionais na bncc: por que estão propostas no currículo?. *Revista Docência e Cibercultura*, 9(2), pp. 1-19. Doi: <https://doi.org/10.12957/redoc.2025.91242>

Sefton, A. P.; Galini, M. E. (2023) *Metodologias ativas: desenvolvendo aulas ativas para uma aprendizagem significativa*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos Editora.

Silva, R. M. (2024). A educação superior e seu papel de relevância no desenvolvimento econômico e social das nações. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação — REASE*, 10(09), 2157-2171.

Soares, F. J. P., Santana, I. H. O., & Cunha, J. L. Z. (2018). Ligas acadêmicas no Brasil: revisão crítica de adequação às Diretrizes Curriculares Nacionais. *Revista Port.: Saúde e Sociedade*, 3(3), 931-944.

Souza, L. S., Noguchi, C. S, Alves, L. B. (2019). Uma nova possibilidade de construção do conhecimento em psicologia. *Est. Inter. Psicol., Londrina*, 10(1), p. 237-251. <https://doi.org/10.5433/2236-6407.2019v10n1p237>

Souza, L. S; Santos, D.; Murgo, C. *Metodologias Ativas na Educação Superior em Saúde Brasileira: Uma Revisão Integrativa frente ao Paradigma da Prática Baseada em Evidências*.

Rev. Inter. Educ. Sup. Campinas, SP, v. 7 p. 1-33, 2020. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/8656540-Texto%20do%20artigo-72707-2-10-20200606%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/8656540-Texto%20do%20artigo-72707-2-10-20200606%20(1).pdf).

Vargens, A., Ortolan Wollmann, M., Yamada, D., Guimarães Herzog, C., Pinto, M. & Zelmanowicz, A. (2021). O impacto da mentoria no desenvolvimento pessoal e profissional de diferentes turmas. *Revista Brasileira de Educação Médica*. 45. 10.1590/1981-5271v45.supl.1-20210168.